

Lenine foi à Lua

Michel Eltchaninoff

Lenine foi à Lua

A HISTÓRIA LOUCA DOS COSMISTAS
E TRANSUMANISTAS RUSSOS

TRADUÇÃO DE
Luís Filipe Pontes



DO MESMO AUTOR
Na Cabeça de Putin,
Livros Zigurate, 2022.

Índice

	Introdução	9
1	Santificar o cosmos	16
2	Reencontrar o encanto da ciência	25
3	Ressuscitar os mortos	31
4	Os bolcheviques que queriam deuses	41
5	Construir o homem novo	64
6	Povoar o espaço	80
7	A vida cósmica. Vernadski	93
8	<i>Soviet New Age</i>	109
9	Cosmistas contra transumanistas	123
10	<i>Cosmism in America</i>	142
	Conclusão	154
	Notas	163

© 2023, Livros Zigurate e Michel Eltchaninoff

Livros Zigurate
Av. 5 de Outubro, 42, 1.º Esq.
1050-057 Lisboa

livroszigurate@zigurate.pt

Título original: *Lénine a marché sur la lune*
© Actes Sud, 2022

Título: *Lenine Foi à Lua: A história louca
dos cosmistas e transumanistas russos*
Autor: Michel Eltchaninoff
Tradução: Luís Filipe Pontes
Revisão: GoodSpell
Composição e capa: Pedro Serpa
Imagem da capa: Actes Sud / DR

1.ª edição: Setembro de 2023

ISBN 978-989-35146-1-0
Depósito Legal n.º 520031/23

O Homem esforçar-se-á por comandar os seus próprios sentimentos, por elevar os seus instintos ao plano do consciente e torná-los transparentes, por conduzir a sua vontade pelas trevas do inconsciente. Assim, ascenderá a um nível mais elevado e criará um tipo biológico e social superior, um super-homem, se preferirem.

Leon Trotski,
Literatura e Revolução, 1923

O Homem é a única criatura que se recusa a ser o que é.

Albert Camus,
O Homem Revoltado, 1951

Introdução

A 29 de Março de 2007, Vladimir Putin, cujo segundo mandato de liderança da Rússia chegava então ao fim, viajou até à cidade de Kaluga, 200 quilómetros a sudoeste de Moscovo. Aí, visitou a casa-museu de Konstantin Tsiolkovski, filósofo e inventor que vivera uma boa parte da sua vida nesse lugar, entre o final do século XIX e a década de 1930. Essa personagem original é considerada, desde a época soviética, como o antepassado da conquista espacial do país, o avô espiritual de Iuri Gagarin, que foi o primeiro homem a viajar no espaço¹. Com efeito, Tsiolkovski imaginou foguetões com ínfimos detalhes. De resto, o museu contém numerosas maquetes realizadas por ele, um modelista genial. A sua bisneta, Elena Timochenkova, ofereceu ao presidente duas brochuras do inventor, originais da década de 1920. Ao sair do museu, Vladimir Putin filosofou: «Como dizia o nosso grande compatriota, os foguetões não são um objectivo em si mesmos, pois o objectivo é melhorar a vida humana, a felicidade das pessoas. Assim falava Tsiolkovski.»² Alguns meses depois, a 6 de Novembro, o presidente assinou um decreto, anunciando a criação de uma nova base de lançamento de foguetões na Rússia. Destinava-se a substituir a antiga base, a famosa Baikonur, que se encontra no território do Cazaquistão desde o desmembramento da União Soviética³. A 12 de Abril de 2013, quando iniciava o seu terceiro mandato presidencial e se preparava para conduzir uma ofensiva ideológica conservadora e antiocidental de dimensão inédita, Vladimir Putin visitou o cosmódromo de Vostotchny, que nessa altura estava em construção. Situado na região do Amur, no sudeste da Sibéria, a apenas uma centena de quilómetros da fronteira chinesa, é um dos grandes projectos estratégicos desta nova Rússia

com um poder sem complexos, decidida a vingar a humilhação que considera ter sofrido após a queda da União Soviética. Também aí, Vladimir Putin fez um discurso bastante surpreendente, neste contexto de vingança. Insistiu na natureza filantrópica e progressista da conquista espacial: «Fico feliz por constatar que o cosmos é a esfera de actividade contemporânea que nos permite esquecer todas as dificuldades das relações internacionais, e elevar os nossos contactos à esfera mais fecunda da alta tecnologia, sem pensar em nenhum problema, mas pensando apenas no futuro dos nossos países, no futuro da Humanidade.» Esta visão optimista e pacificadora da história humana não saiu directamente da cabeça de Vladimir Putin. É fruto do cérebro exaltado do mesmo Tsiolkovski cuja casa o presidente visitou, em Kaluga. Segundo o presidente, com efeito, «uma das primeiras pessoas, no nosso país e no mundo em geral, a ter tratado destes problemas foi Tsiolkovski. Ora, nós não temos nenhuma localidade com o seu nome. Não vamos construir aqui apenas um cosmódromo e uma base de lançamentos, mas sim um centro de investigação e uma cidade inteira. Penso que, depois de consultarmos os habitantes, será justo chamarmos ‘Tsiolkovski’ a esta cidade do futuro»⁴. Um ano e meio depois, e após 85% dos habitantes do lugar terem votado a favor da mudança de nome, um novo decreto presidencial deu oficialmente o nome de Tsiolkovski a uma antiga cidade que se dizia «fechada», destinada à reconstrução. Não se sabe quase nada sobre a cidade reconstruída, nem sobre a base — mas, no momento em que escrevemos estas linhas, ela ainda não substituiu Baikonur⁵.

O que é certo é que a forte homenagem de Vladimir Putin a Konstantin Tsiolkovski (1857-1935) pretende criar uma visão exclusivamente russa da conquista espacial. Se decodificarmos as suas citações, compreenderemos sem dificuldade o seu propósito implícito: ao passo que os Americanos, cada vez mais abertamente apontados como os principais adversários da Rússia, explorariam o espaço para satisfazer as suas necessidades egoístas e o seu desejo de poder, os Russos, por seu lado, faziam-no para o bem comum da Humanidade. Como em todos os outros domí-

nios, Vladimir Putin, por meio da pena dos conselheiros que redigem os seus discursos, critica o espírito calculista e dominador dos Estados Unidos para melhor destacar, por contraste, o idealismo, a generosidade, o heroísmo sacrificial da Rússia, seja ela soviética, czarista, ou putinista. Mas se tivesse estudado um pouco melhor as obras de Konstantin Tsiolkovski, que tanto gosta de citar, o presidente russo talvez tivesse hesitado em dar o seu nome a uma cidade. Aquele sábio autodidacta pertencia a um movimento filosófico, no mínimo, estranho: o cosmismo. Para Tsiolkovski, a conquista do espaço tinha efectivamente por finalidade, tal como repete candidamente o presidente russo, a felicidade da Humanidade. Mas, se é preciso explorar os planetas, é, segundo ele, para os colonizar, pois o Homem está destinado a viver eternamente e a povoar todo o cosmos.

O mais incrível é que, a dez mil quilómetros de Kaluga, nessa América arrogante e obcecada por dinheiro que Vladimir Putin tanto fustiga, há mais alguém que cita Tsiolkovski. Trata-se de outro dos homens mais poderosos do mundo — e um dos mais ricos. É Elon Musk, criador do automóvel Tesla e fundador, em 2002, da SpaceX, empresa que ambiciona dominar a nova conquista espacial através, por exemplo, do seu projecto de colonização de Marte. A 10 de Março de 2018, Elon Musk interveio numa mesa-redonda dedicada à série de ficção científica *Westworld*. Depois de ter sido aplaudido como uma estrela de *rock*, declarou: «Há sempre coisas horríveis a acontecer no mundo. Mas a vida não é resolver problemas miseráveis, uns a seguir aos outros. Tem de haver coisas que vos inspirem, que vos façam levantar da cama de manhã, que vos façam ter orgulho na Humanidade.» Para apoiar o seu argumento e justificar o seu projecto de conquista do espaço, continuou: «Konstantin Tsiolkovski disse: ‘A Terra é o berço da Humanidade, mas a Humanidade não pode ficar no berço para sempre.’ É altura de partir à conquista das estrelas, de alargar o espectro da consciência humana. Eu acho isso extremamente entusiasmante e faz-me sentir feliz por estar vivo, e espero que a vocês também»⁶, concluiu Musk. O empresário mais extravagante do mundo e o chefe de Estado mais controverso do planeta têm uma

referência comum. Não é de admirar que pretendam conversar⁷.

Além de Tsiolkovski, Putin cita também o nome de Vladimir Vernadski. A diferentes títulos, Tsiolkovski e Vernadski inserem-se, juntamente com outras figuras russas e soviéticas, numa linhagem de pensadores e cientistas aos quais chamamos «cosmistas». Nikolai Fiodorov, Konstantin Tsiolkovski, Vladimir Vernadski, adorados ou contestados, e frequentemente pouco conhecidos na própria Rússia, defendiam uma interdependência de princípio entre os homens e o universo. Em contextos diferentes, concordavam quanto a duas grandes ideias. Em primeiro lugar, a acção humana tem o poder de modificar todo o cosmos, a começar pela natureza e a Terra, até aos astros mais distantes. A nossa acção é, desde logo, cósmica. Em segundo lugar, os fenómenos físicos de origem e de dimensão cósmicas influenciam a actividade humana mais profundamente do que se pensa. Nada daquilo que é espacial nos é estranho. Para alguns cosmistas, por exemplo, a energia solar exerce uma acção muito directa na história humana. A partir desta proposta de existência de uma ligação poderosa entre o Homem e o universo, os representantes deste movimento, designado «cosmismo russo» desde os anos 70 do século xx, planeiam transformações radicais na vida humana. Porque é que a ciência não pode permitir-nos ressuscitar os mortos? Porque é que ela não pode tornar-nos imortais? Se não há espaço suficiente no nosso planeta para os seres humanos excedentários, porque não colonizar o espaço e instalarmo-nos nele? Porque é que o Homem não assume a liderança da evolução do cosmos no seu todo, não destruindo o meio ambiente, mas protegendo-o e criando outros lugares de existência? No fundo, para eles, é ao próprio Homem que cabe dirigir a evolução de todo o cosmos, no domínio espacial, evidentemente, mas também nos domínios geológico, biológico, físico, psíquico. Acreditam que a criatividade humana, revelada e utilizada de forma maciça desde o Renascimento, ainda não produziu todos os seus frutos. Longe disso, porque apenas explorámos, até agora, o nosso ambiente mais próximo. Assim que compreendermos a nossa participação

activa no universo, seremos capazes, segundo os cosmistas, de o modificar e de nos transformarmos a nós mesmos de um modo bem mais radical.

Este movimento juntou, ao longo da história, personalidades muito diferentes umas das outras: súbditos do czar e cidadãos soviéticos; místicos e ateus; sábios preeminentes e pseudocientistas nos limites da charlatanice; conservadores e revolucionários; escritores, artistas, homens de acção, militantes e dirigentes políticos. Em grande parte, o cosmismo russo é uma reconstrução ideológica que mistura nacionalismo, gosto pelo oculto e *New Age* à moda soviética. Mas é preciso levar a sério aquilo que une os cosmistas: a hipótese de uma ligação entre a esfera humana e todo o universo. A corrida pela conquista do espaço a que hoje se entregam a China, os Estados Unidos e outras potências, sem esquecer actores privados como Elon Musk ou Jeff Bezos, o líder da Amazon, é a prova disso.

De resto, alguns cosmistas corresponderam-se, leram-se uns aos outros, e conversaram. Há um fio, pouco conhecido na Rússia e ainda menos fora dela, que percorre a história desse país, desde o final do século xix até aos nossos dias. Começou na época de Dostoievski e conduz a Vladimir Putin e a alguns membros do seu círculo mais próximo. Existe realmente uma tradição cosmista na Rússia, ainda que seja trabalhada pelas reformulações retrospectivas e pelas recuperações ideológicas. E, para se compreender certos fantasmas que animam uma parte das elites russas actuais, é preciso ir mais longe, analisando as fontes filosóficas desta história. Pouco consistente com a ideologia marxista-leninista que reinou oficialmente na URSS durante mais de 70 anos, esta tradição impregnou secretamente a sua cultura. Aquilo que propomos é a descoberta de uma outra história do século soviético, que se estende desde as últimas décadas do século xix até ao século xxi. Contrariamente àquela que caiu em 1991, esta URSS desconhecida ainda assombra e inspira alguns dos nossos contemporâneos, tanto no espaço pós-soviético como fora dele.

Poderíamos perguntar-nos se vale verdadeiramente a pena debruçarmo-nos sobre essa pequena «seita», formada

por pensadores e sábios iluminados, que pretendiam vencer a morte e invadir o espaço. Afinal, não foram eles a encarnação das piores derivas do famoso misticismo russo, misturadas com a utopia soviética de criação de um homem novo, aliviado do peso do passado? Talvez. Mas o facto é que as esperanças que animavam esses homens esquecidos se tornaram, em parte, as nossas. Não tanto na Europa — onde reina a desconfiança em relação ao poder destrutivo das ciências e das técnicas —, mas sobretudo do outro lado do Atlântico, nomeadamente, em Silicon Valley. Hoje, esse sonho chama-se «transumanismo». A principal ideia subjacente é sem dúvida diferente da do cosmismo. Mais do que dar ao Homem uma dimensão cósmica, trata-se de ultrapassar a nossa humanidade ao quebrar aquilo que é a sua principal característica, a finitude. Graças aos progressos paralelos da biologia, da medicina, das nanotecnologias, das ciências cognitivas e da informática, os investigadores pretendem propor ao Homem uma existência consideravelmente longa, ou até a imortalidade. Os grandes empresários da informática financiam generosamente esses investigadores. Sergey Brin, co-fundador da Google, de origem russa, pretende retardar o envelhecimento e, porque não, vencer a morte. Com o seu amigo Larry Page, fundou, em 2013, a California Life Company (Calico). Os dois homens recrutaram investigadores como Cynthia Kenyon, que em 1993 terá descoberto, numa minhoca, um gene do envelhecimento⁸. O objectivo é resolver biologicamente o problema da decrepitude. Outro actor do transumanismo, Peter Thiel, fundador da PayPal, condena a «ideologia da inevitabilidade da morte»⁹. Jeff Bezos, patrão da Amazon, investe em empresas de retardamento do envelhecimento e em foguetões¹⁰. Algumas sociedades, como a Alcor Life Extension Foundation, propõem criogenizar clientes ricos, com o objectivo de os despertar quando a tecnologia o permitir. A empresa Ambrosia, por seu turno, realizou transfusões de sangue com o objectivo de permitir aos clientes permanecerem jovens durante muito tempo. A busca pela vida eterna e a conquista do espaço estão interligadas. Se a Terra tem cada vez mais pessoas que morrem cada vez mais tarde, é pre-

ciso encontrar lugar para elas. Ora, há lugar no espaço. A ideia essencial do transumanismo, essa mistura de racionalismo técnico e de utopia com conotações religiosas, talvez tenha nascido na Rússia, entre o fim do século XIX e meados do século seguinte. Ainda que existam também fontes americanas e europeias, o projecto de vencer a limitação da vida e a ligação à Terra teve necessidade, para nascer e poder desenvolver-se, de um terreno particular. Para compreender aquilo que se passa actualmente nos laboratórios americanos ou asiáticos, é necessário que nos debrucemos sobre os pioneiros russos e soviéticos: os cosmistas.

Relatar a vida e as ideias dos cosmistas russos também é útil por uma última razão. Eles inventaram visões do mundo que podem parecer delirantes, mas que são audaciosas e, por vezes, sofisticadas. O que significa, do ponto de vista da perspectiva do Homem, o projecto de vencer a morte? Qual o sentido a dar ao sonho de viver noutra sítio que não a Terra? Qual a dimensão da acção humana, se ela tem efeitos sobre a geologia e o clima? E como conceber a nossa liberdade, se os processos cósmicos têm influência na nossa existência? Por fim, alguns deles usaram termos teológicos: pode o Homem elevar-se à altura criadora de Deus — produzir vida, suprimir limitações que parecem ser imutáveis? Estas questões filosóficas antigas voltam a colocar-se hoje. Mas falta-nos talvez um elo fundamental nesta cadeia histórica que começa no humanismo renascentista e termina em Silicon Valley. Num instante crucial do seu percurso, esta longa viagem fez um desvio pelo leste da Europa. Passou mesmo, de forma insistente, num lugar muito preciso: a pacata cidade provinciana que Vladimir Putin visitou em 2007, Kaluga.

Santificar o cosmos

Muito perto de Kaluga, encontra-se um dos mais prestigiados mosteiros masculinos da Rússia e do mundo ortodoxo: o «deserto de Optina». Foi aí que teve início a história do cosmismo russo. O mosteiro da Apresentação da Virgem foi fundado na Idade Média. Em redor da igreja principal encontram-se outros lugares de culto, as celas dos monges, o refeitório, as hortas, e os túmulos dos mais famosos pais espirituais desse lugar. Encerrado pelas autoridades bolcheviques em 1918, transformado em casa de repouso e, seguidamente, em prisão, durante a Segunda Guerra Mundial, Optina foi devolvido aos religiosos em 1987. Em 1993, em plena «época das perturbações» pós-soviéticas, três monges foram assassinados à machadada durante as celebrações de Páscoa, por um antigo combatente da Guerra do Afeganistão. A atmosfera do local era então macabra, e quase surreal. Toda a gente afirmava que os homicídios tinham sido cometidos por um «satanista»¹. Pela mesma altura, os exorcismos tornaram-se comuns numa Rússia desorientada pela queda do império soviético, o fim da ideologia oficial, e o caos político e social. Ver «demónios» um pouco por toda a parte (e, sobretudo, nos outros) tornou-se uma actividade corrente para alguns fiéis. Milhares de peregrinos, frequentemente recém-convertidos à ortodoxia, acorriam a visitar o mosteiro agora reaberto. Mas o lugar mais procurado pelos visitantes cultos é o *skite*, ligeiramente afastado do mosteiro. Nessas modestas casas térreas e rodeadas de flores, viviam os *startsy*. Esta palavra, que é o plural de *starets*, designa os monges, muitas vezes idosos e mais ou menos independentes da hierarquia do mosteiro, que viviam afastados, num total ascetismo. As pessoas iam — e ainda vão — visitá-los e pedir-lhes conselhos importan-

tes. Os fiéis acreditam que eles possuem dons particulares. Segundo eles, esses monges são capazes de compreender os tormentos dos visitantes, sem ser preciso dizer nada, e dirigem-lhes palavras decisivas.

Antes da Revolução de 1917, visitar um *starets* era, para alguns crentes, uma passagem obrigatória. A partir da década de 1990, voltou a sê-lo. Muitas celebridades do século XIX fizeram essa viagem. Foi aí que Konstantin Leontiev (1831-1891), filósofo ultraconservador, antiocidental e místico, citado por Vladimir Putin nos seus discursos², foi consagrado monge, em segredo. Mas foram sobretudo dois gigantes da literatura russa, Tolstoi e Dostoievski, que ficaram fascinados pelo lugar. Naquele tempo, o *starets* carismático era um certo Ambrósio. Era ele o mais consultado. Em 1877, o conde Lev Tolstoi (1828-1910), em plena revolução interior, visitou-o. Mas o encontro não correu muito bem. Pouco depois, Tolstoi revoltou-se contra os dogmas e os ritos do cristianismo e decidiu refundar a religião. Isso não o impediu, quatro anos depois, de deixar mais uma vez a sua propriedade de Iasnaia Poliana e realizar uma nova peregrinação a Optina. Foi disfarçado de camponês — mas com um professor e um criado de quarto³. Chegou a Optina ao fim de quatro dias de caminhada e numerosas bolhas nos pés. Passou várias horas com Ambrósio, que o tentou convencer a regressar ao seio da Igreja, mas em vão. Por fim, em 1910, o velho Tolstoi decide fugir de casa, a meio da noite. Tinha 82 anos. O seu destino? O convento de Chamardino, onde vivia a sua irmã Maria, que se tornara monja. Aproveitou para passear no jardim de Optina. Mas dessa vez, não quis visitar o *starets*. Seria a última viagem do autor de *Guerra e Paz*. Morreria alguns dias depois, na pequena gare de Astapovo.

Dostoievski (1821-1881) também passara uma estadia no mosteiro, alguns anos antes. Aliás, fez dele o cenário do seu último romance, *Os Irmãos Karamazov*. Esse lugar, quando o visitamos, seja nos caóticos anos 90, obcecados pelas forças obscuras, ou nos anos 2000, tomados por um conservadorismo e um nacionalismo intransigentes, emite uma atmosfera singular, que está longe de ser pacífica. Os lugares considerados sagrados atraem personalidades

e acções extremas, fazem ferver os espíritos e os corações. O mosteiro mostra o cristianismo ortodoxo de várias formas: um misticismo proveniente do monte Atos, na Grécia, um ascetismo incondicional, e um sentimento antiocidental implacável. Optina é um dos lugares onde se construiu a cultura russa moderna, reunindo tendências diversas e, por vezes, antagónicas. Foi nesse lugar polifónico que nasceu o cosmismo. Mas não na realidade: num romance.

Quando Dostoievski publicou *Os Irmãos Karamazov*, o cosmismo só era conhecido por alguns iniciados. Mas Dostoievski, que ouvira falar dessa corrente, evoca-a através de um dos protagonistas do romance, Aliocha Karamazov. Ele vive perto de um mosteiro que o leitor pode reconhecer facilmente: Optina. Numa Rússia em efervescência, dilacerada entre correntes revolucionárias, socialistas ou populistas, e um nacionalismo cada vez mais agressivo, o jovem procura o seu caminho e sonha mudar o mundo. Enquanto o seu irmão Dmitri faz uma vida de festa e cita versos de poetas românticos, ao passo que o seu outro irmão, Ivan, se fecha num ateísmo desesperado e escreve uma história intitulada «O Grande Inquisidor», e enquanto o seu velho pai persegue raparigas novas e organiza orgias em sua casa, Aliocha torna-se noviço no mosteiro. Está fascinado pelo *starets* Ambrósio, a quem Dostoievski chama Zossima no seu livro. O monge está muito velho e sente a morte aproximar-se. Decide entregar aos seus discípulos o seu testamento espiritual. Conta-lhes a sua vida, e oferece-lhes a sua leitura, muito pessoal, do cristianismo — que também é, sem dúvida, a de Dostoievski. Longe de ser uma religião repressiva e desdenhosa da realidade, o cristianismo que ele evoca deve ser uma celebração da vida, nos seus aspectos mais modestos e mais quotidianos. Perante a beleza do mundo e a fragilidade dos homens, podemos tentar reconciliar-nos com o outro, afirma Zossima, e viver numa forma de alegria perpétua, pedindo perdão uns aos outros. Aliocha, conta Dostoievski, fica convencido de que ouviu as palavras de um santo, que reforma um cristianismo esclerosado. Tem orgulho em participar nessa renovação espiritual. Acredita até que, quando Zossima morrer, o seu corpo continuará

incorrutível, como os corpos dos grandes santos. Tem a certeza de que as suas relíquias provocarão curas milagrosas. Mas não é bem isso que acontece. Após algumas horas, o cadáver de Zossima começa a cheirar mal. Aliocha fica desiludido, quase indignado. Considera ter sido enganado. Tinha pensado que estava a seguir um caminho de recomeço. Tinha escolhido um cristianismo afirmativo, para transformar o mundo de cima a baixo. Para isso, era necessário vencer a morte — e não apenas nas orações pascais, ou mais tarde, mas sim na realidade, hoje. Se Zossima entrara em decomposição como qualquer outro cadáver, o recomeço tão aguardado afinal não teria lugar. Aliocha sente-se assaltado por dúvidas. E se os ideais cristãos eram apenas uma ilusão? A via religiosa podia não ser a certa.

Após velar o corpo do defunto no mosteiro, o jovem sai bruscamente da sua cela e vai para o jardim. Levanta a cabeça e olha à sua volta: «A cúpula celeste, repleta de doces e radiosas estrelas, estendia-se sobre a sua cabeça, até ao infinito, ao longe. Uma Via Láctea ainda difusa desdobrava-se, do zénite do céu ao horizonte. As torres brancas e as cúpulas douradas da igreja brilhavam num céu cor de safira. As sumptuosas flores de outono, nos canteiros em redor da casa, tinham adormecido até de manhã. Era como se o silêncio da terra se fundisse com o do céu, e o mistério da terra tocasse no das estrelas... Aliocha observava, em pé, e, subitamente, como se tivesse sido derrubado por um golpe, caiu ao chão.»⁴ Beijando a terra, o rapaz chora e promete «amá-la pelos séculos dos séculos». Vive uma conversão espiritual. Tem um momento de reconciliação: a terra já não é a antítese do céu, a corrupção dos corpos já não é o oposto da espiritualidade, a morte já não é o contrário da vida. Todo o cosmos se amalgama sob o signo da beleza e de uma forma de santidade. Aliocha, renunciando a um idealismo etéreo, reencontra o caminho da terra e da matéria. Esta via de encarnação assemelha-se a uma transfiguração, no sentido teológico da palavra. A aparição de Cristo em glória aos seus apóstolos, rodeado de luz divina, no monte Tabor, que é narrada em vários evangelhos⁵, é, com efeito, um dos maiores temas do pensamento do Oriente cristão. Aliocha aceita a morte e a

corrupção do cadáver de Zossima e reencontra o caminho da terra graças à contemplação de um cosmos transfigurado. Este breve episódio reúne séculos de teologia ortodoxa. Perante o escândalo da morte, Aliocha renuncia a uma via angelical, que rejeitaria o corpo, a morte e a terra. Assume a sua condição carnal, com as suas imperfeições e a sua finitude. Nesta cena, Dostoievski desenha um dos únicos personagens portadores de esperança em toda a sua obra: não é um ser cândido e doentio, embora com algo de crístico (em *O Idiota*), não é um velho errante, perto da morte (como Makar, um dos personagens principais de *O Adolescente*), nem um *starets* agonizante, mas sim um jovem portador de um ideal, que se mantém vivo, desejoso, enérgico. Alguns meses antes de morrer, Dostoievski, que tanto criticara os jovens niilistas revolucionários, acredita novamente na juventude, quando esta escolhe a vida e não a ideologia.

Mas, em Dostoievski, tudo é complexo. Tudo tem um sentido duplo. Cada personagem tem potencialidades e impulsos contraditórios. Aliocha, que normalmente passa por ser o santo do romance, não escapa a essa dualidade. Ele é um Karamazov, como repetem todos os personagens. Tal como o seu pai e os seus irmãos, é presa de uma certa «sensualidade de insecto», apesar dos seus impulsos espirituais. Ele é, de resto, tão responsável como os irmãos pela morte do pai, que desejou em segredo e que não conseguiu impedir. Um traço da personagem revela toda a sua ambiguidade: Dostoievski caracteriza Aliocha como sendo um «realista». Tal como os jovens da sua geração, não se contenta com imaginar uma sociedade melhor e livre de injustiças. Recusa ser como essa *intelligentsia* russa — dos românticos da década de 1830 aos futuros heróis de Tchekhov, jovens exaltados ou nobres, que tocam guitarra nas suas propriedades — que fala em vez de agir. Aliocha quer mudar tudo. Assim, adopta duas atitudes contraditórias perante a morte, o mundo e o cosmos. Por um lado, como no excerto que acabámos de citar, aceita a nossa condição finita, carnal e terrena. E faz disso o fundamento de uma ética. Mas, por outro lado, gostaria de concretizar o reino de Deus na Terra, custasse o que custasse.

De resto, após o episódio da sua crise e da sua conversão, o jovem Aliocha despe o hábito monástico e regressa ao mundo. Tem a ambição de construir alguma coisa de tangível neste mundo, em vez de rezar pela chegada do Reino, rodeado pelas paredes de um mosteiro. *Os Irmãos Karamazov* é apenas a primeira parte de um romance formativo. A morte de Dostoievski, em 1881, interrompeu a sua redacção. Mas a natureza maximalista e realista de Aliocha parecia destinada a afirmar-se, talvez mesmo em direcções totalmente opostas às da fé ortodoxa. Segundo o crítico literário Alexei Suvorin, Dostoievski tinha efectivamente a intenção de fazer de Aliocha um revolucionário que talvez viesse a assassinar o czar — muito longe, portanto, da contemplação emocionada do cosmos transfigurado. O último herói de Dostoievski, pela sua ambivalência, abre um conjunto de questões do qual emerge a Rússia contemporânea, incluindo a URSS. Imediatamente antes de desaparecer, nesse lugar tão particular que é o mosteiro de Optina, o romancista russo deixou aos seus contemporâneos algumas questões essenciais: temos de aceitar a morte, ou temos de a combater, como sendo um ataque à nossa natureza? Seremos realmente uma parte integrante do cosmos? Se sim, o que é que isso quer dizer? Temos o dever e o poder de transformar o real de maneira radical, mesmo que isso signifique transgredir a nossa finitude? Aliocha está no limiar dessas interrogações. Delas surgirá o cosmismo.

Não foi certamente por acaso que o movimento cosmista nasceu no país mais vasto do mundo, nessa imensa planície polvilhada de igrejas. A conjugação desse espaço e da religiosidade russa fez emergir uma visão específica sobre aquilo que o cosmos pode significar para um russo. Deixemos a região de Kaluga e vamos até um outro lugar de memória da cultura russa, desta vez muito próximo da cidade principesca de Vladimir, 190 quilómetros a leste de Moscovo. Imaginemos uma vasta extensão plana, coberta de neve no Inverno e de erva no Verão, e lamacenta durante o resto do ano. Não há nada a prender a atenção. Tem-se quase a impressão de se estar a flutuar, sem peso. Mas, por fim, no topo de um pequeno monte, vemos quatro